

MATERIAL EDUCATIVO

mostra de arte da juventude

Mostra de Arte da Juventude





Victor Moreira - Educador da 31ª MAJ



sesc

mostra de arte da juventude

COORDENAÇÃO DA EQUIPE EDUCATIVA:
MALBA OLIVEIRA

SUPERVISÃO EDUCATIVA:
STEFANIE QUEIROZ
AFFONSO MALAGUTTI

EDUCADORES:
VICTOR MOREIRA
LORRAINE PEREIRA
BEATRIZ TECLO MARQUES
MAISA FABREGA
MARIHÁ SOUTO
JENNIFER SANTOS
BRUNO GOMES

OFICINEIRAS:
JAQUELINE FIGUEREDO
NATHALLYA FARIA

CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MATERIAL EDUCATIVO:
BIANCA ZECHINATO - KA GESTÃO EM ARTE E EDUCAÇÃO
EQUIPE EDUCATIVA DA 31^a MAJ

IMAGENS:
CENAS INDEPENDENTES
EQUIPE EDUCATIVA DA 31^a MAJ

COLABORAÇÃO E AUTORIA:
EQUIPE EDUCATIVA 31^a MAJ

CONSULTORIA DE COORDENAÇÃO:
CAROLINA VELASQUEZ - KA GESTÃO EM ARTE E EDUCAÇÃO

MOJ

sesc

"Eu acho que o papel de um educador é muito importante porque a gente está falando da formação de pessoas. E repousa nos ombros do educador essa questão da responsabilidade da formação e também de ser uma ponte que conecta várias partes. Quando a gente fala da mediação de uma obra, de um artista com o público, a gente está falando de três mundos que estão se conectando: o mundo do educador, aquele mundo à parte, que é a própria obra e o mundo do artista. Então, fazer essas conexões, essas relações e ao mesmo tempo trazer os elementos que estão presentes na obra, que o próprio artista colocou, mas também o espaço que o artista deixa para a interpretação, e ao mesmo tempo, conversar e trazer a liberdade para o público interpretar e entender as coisas que estão ali. Tudo isso, enquanto papel do educador, sinto que é uma coisa muito grande, muito bonita e uma responsabilidade ímpar."

Victor Moreira





Jennifer Santos - Educadora da 31ª MAJ

Bruno Gomes - Educador da 31ª MAJ

"Eu sinto que o educador está aqui dentro no papel da pessoa que vai provocar e instigar o público a ter um pensamento sobre as obras, a exposição. Muitas pessoas chegam na exposição com o pensamento de 'eu não entendo sobre arte, eu não entendo sobre o que está acontecendo aqui, mas eu vou dar uma olhadinha'. E, a partir daqui, se a gente começa uma conversa, faz uma pergunta, tira uma dúvida, a gente já está tirando ele desse lugar de 'eu não sei' para um lugar, "de estou entendendo alguma coisa, eu sei de alguma coisa". Então acho que a gente tem muito esse papel, não só de trazer uma informação."

Jennifer Santos

"O papel de educador é fundamental para que a gente tenha uma conexão com as pessoas que passam por aqui, seja de forma espontânea ou mediada. Além disso, a gente tem uma troca de experiências, de vivências, a gente fala de diversos assuntos, como diversidade, inclusão, assuntos "espinhosos", como racismo estrutural, machismo estrutural, e é muito importante para que a gente possa discutir, para que a sociedade se movimente e faça coisas para melhoria, em geral."

Bruno Gomes

Malba Oliveira - Coordenadora Educativa da 31ª MAJ





por Malba Oliveira

*"Essa potência de se perceber
pertencente a um todo, e podendo modificar o mundo,
pode ser uma boa ideia de educação"*

*Ailton Krenak,
em seu livro - Futuro Ancestral.*

A construção do projeto educativo foi marcado pela experiência de acompanhar a 31^a MAJ em seus estágios iniciais. Estar presente desde o recebimento das inscrições, acompanhando a prática curatorial na pré-seleção e seleção das obras, o nascimento do projeto expográfico e a estruturação da equipe, foi o que possibilitou fundamentar as raízes que orientaram este projeto educativo. Desde o início, foi evidente a importância de articular os temas abordados pela perspectiva educativa, ao eixo central da mostra e do conceito curatorial, que valoriza e amplifica as vozes das juventudes por meio de suas expressões artísticas e das agendas evocadas. Foi essencial construir um percurso atento às "primeiras vezes", realidade vivida por grande parte da equipe que estruturou, compôs e fez pulsar essa edição.

Com essa premissa em mente, foi importante articular teoria e prática, pesquisa e vivência, conteúdo e forma, explorando estratégias iniciais para pensar as práticas de mediação, ocupação dos espaços e elaboração das metodologias para o atendimento à diversidade de públicos. Paralelamente, tornou-se indispensável que a equipe educativa desenvolvesse um processo de autoconhecimento e reconhecimento de si, permitindo-se compreender como parte essencial do fazer pedagógico cotidiano.

Nesse contexto, os estudos práticos se desdobraram como uma investigação do corpo individual, e suas reverberações no corpo coletivo. A partir do entendimento de que tudo passa pelo corpo: a mediação é corpo, o trabalho é corpo, a presença é corpo, foram adotadas práticas que acolhem, acalmam e expandem a percepção

sensorial, orientando uma autoescuta generosa para ampliar aos muitos corpos, e suas histórias, com os quais nos encontramos diariamente no espaço educativo. Essa formulação consistiu em atividades práticas, propiciando tempos de silêncio, exercícios de respiração, preparação corporal e vocal, exercícios de aterrramento, jogos teatrais e cooperativos, além de brincadeiras. Tudo o que o corpo pode vivenciar para acessar estados mais sutis. Essas práticas alimentaram a formação da equipe desde o início, ativando outros modos de aprendizagem e foram, inclusive, gradualmente, incorporadas em mediações e ações educativas.

As atividades formativas priorizaram caminhos para estimular reflexões sobre identidade, retomada de memórias, saberes prévios, modos próprios de existir, primando por um desenvolvimento que incluísse as alteridades. Cada educadora e educador - pode alinhar suas singularidades nos encontros com as obras e seus desdobramentos, com jovens artistas, com o espaço e os diferentes públicos.

Quem são esses educadores? O que desejam? O que os move? Como sustentar um processo educativo que acolha as perguntas e fragilidades, sem anular o brilho, a força, a crítica e a inventividade que cada um carrega? Garantir um espaço legítimo e seguro para que tudo isso se manifeste é fortalecer, no indivíduo, sua atuação, reconhecendo-o como parte ativa da construção coletiva do ambiente educativo.

A 31^a MAJ alcança, de maneira radical, sua premissa de apoiar os talentos e aptidões, com foco no aprendizado. Isso é empoderar a essência humana, é fazer valer a máxima do conceito de "fazer junto", da conexão e do envolvimento, sendo, esse último, o termo evocado por Nêgo Bispo, ao refletir sobre outros modos de relação opostos às práticas colonizadoras e estruturas hierárquicas que silenciam e limitam os sujeitos. Quando abre espaço para os inícios, em diversas funções, a MAJ move estruturas: gerando uma revolução em termos de acesso ao trabalho e à ascensão social; potencializa trajetórias e atua como escola para toda uma geração. Outro futuro social depende de ações práticas hoje, e de uma política cultural que pense com e para as juventudes.

Eis a importância da Mostra de Arte da Juventude, que tem uma trajetória notável e que, em sua 31ª edição, atinge o ápice de sua maturidade!

Este material traz um recorte das criações da equipe educativa, expressando o reconhecimento de seus percursos formativos, sensíveis e criativos, ao longo dessa jornada compartilhada. Além do atendimento, da mediação dos públicos e das obras, um educativo de exposição - cria modos de ver, sentir e ampliar as possibilidades de relação. Aqui poderão ser encontrados caminhos pedagógicos e sensoriais que sugerem integração entre educadores e educandos, obras e artistas, e as diversas oportunidades ativadas pela arte contemporânea.

Vida longa à MAJ, às juventudes e a todas as equipes educativas!

"Eu realmente me encontrei na área da educação. Eu acredito que a gente aprende muito e é uma oportunidade de crescer enquanto pessoa, não só na questão de carreira, mas na questão pessoal mesmo. E está sendo muito lindo tudo o que a gente está aprendendo, as conexões que a gente está criando. Tem uma música que foi sugerida para a nossa playlist da MAJ, se chama Homem Invisível num Mundo Invisível, da Vanessa da Mata, ela fala sobre essas coisas que permeiam o mundo invisível, que não é só aquilo que a gente toca. E eu acredito que muitas coisas invisíveis acontecem aqui. É tudo muito lindo, e a gente tem que estar muito atento e muito disponível também. Eu também tive uma reflexão recentemente de que nosso trabalho é um pouco parecido com o trabalho de um maestro. Tem vários tipos de instrumentos tocando e a gente mais direciona do que controla. A gente direciona com algumas perguntas e vai debatendo, mas a gente tem que estar muito aberto, muito atento, disponível e receptivo para todas as energias, porque são muitas energias que permeiam o nosso trabalho."

Beatriz Teclo Marques



Beatriz Teclo Marques - Educadora da 31^a MAJ



traços do invisível
ninguém domina
ritmo sensível
eu sou sua sina
te embalo em atoíces
"tolices"
é o que se faz pra ter
meu direito de ser
sem fim

mas dá vazão pra mim
dá espaço e dá razão pra mim
quero saber
perder o medo de me perder
perder o medo
de estar em mim

Beatriz Teclo Marques

ICINA:

POR ONDE

FOR
QUERO

O SEU



OLHAR



Affonso Malagutti - Supervisor da 31ª MAJ

por Affonso Malagutti

[...]

*Quando comecei só sabia paredes.
Pasmava em estado delas brancas.
Ser parede branca por dentro esvazia e recomeça.
Depois comecei a pasmar quase tudo em casa.
E vou me renovando. Em estado de vidro.
Em situação de porta. Entre o dentro e o fora.
Que é pra onde o estado de casa
Encaminha a pessoa.*
[...]

(Mosé, 2007, p.8)

É difícil desvincular um espaço construído da ideia de lar. Talvez porque a casa seja nosso principal referencial de ambiente edificado.

Nesta exposição, fui surpreendido por um convite inusitado, projetar o espaço onde eu iria atuar profissionalmente enquanto supervisor da equipe educativa, esse convite moldou profundamente minha relação com essa habitação temporária, onde eu e um grande grupo de pessoas conviveu ao longo de 185 dias. Um espaço que, antes disso, foi gestado por nove meses.

Presenciar seu nascimento como casa-exposição, como um território que tensiona as relações tradicionais público-museu, foi uma experiência única. Eu gosto muito de uma citação de Louise Bourgeois, que diz que “arte não é sobre arte, é sobre vida”. Da mesma maneira, eu acredito que arquitetura não é sobre arquitetura, mas sobre a vida, sobre as pessoas que irão experienciá-la, cotidiana ou eventualmente.

Eu idealizei um espaço feito pra habitantes que eu nem conhecia. Mas eu conhecia bem o que eu gostaria que ele fosse: Um ambiente que convida a/o visitante a se deslocar com lentidão, a permanecer.

E a partir da experiência com o espaço, o público constrói seus significados individuais ao se relacionar com as obras.

Poder fazer parte da idealização, construção e utilização de uma exposição fecha um ciclo. Poder habitar cotidianamente um lugar tão sonhado transpõe o sonho, o projeto, para o campo da realidade, da execução.

Essa foi a sensação de compartilhar a expografia e a supervisão educativa da 31^a MAJ: um dos ciclos do tempo espiralar que se encerra, e, ao mesmo tempo, se abre para os que ainda virão.

Mosé, Viviane. **Pensamento chão**. Rio de Janeiro: Record, 2007.





Stefanie Queiroz - Supervisora da 31^a MAJ

por Stefanie Queiroz

"É experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.¹"

O ato de supervisionar a equipe educativa da 31^a MAJ, constituiu-se como um processo de escuta e acompanhamento dos percursos singulares. Foi uma travessia na qual nos transformamos em um corpo coletivo, e cuja formação e prática se entrelaçaram cotidianamente, num percurso que envolveu não apenas orientações técnicas, mas também as trajetórias pessoais e profissionais que ali se iniciavam e fortaleciam.

Essa jornada teve como eixo central a formação, não como etapa isolada, mas como estrutura contínua e relacional. O processo formativo foi alimentado por encontros constantes, com diversos profissionais, além da coordenação e supervisão e constituíram trocas horizontais e reflexões sobre as práticas.

Muitas pessoas que compuseram a equipe, inclusive eu, exercendo pela primeira vez um cargo de supervisão, estavam se inserindo em contextos de arte-educação. A mostra, ao acolher essas trajetórias iniciais com seriedade e atenção, demonstrou o compromisso com a valorização dos percursos em seus momentos inaugurais.

Como educadora, vejo que, na arte contemporânea, o conceito tem peso de matéria, dessa maneira, a "formação como transformação" proposta por Larrosa (2004), convida-nos a pensar que o saber não se transmite de modo unilateral, mas se constrói a partir de situações reais, em que o conhecimento emerge da relação com os outros e com o mundo.

Ao longo das visitas, conversas e ajustes de rota, consolidou-se a compreensão de que a arte-educação, quando conduzida com

compromisso e boa gestão, constitui um elo entre formação e pesquisa. A mostra revelou-se mais do que uma exposição: foi um território coletivo de aprendizado e desenvolvimento para educadores, público, equipe e artistas.

¹ LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. (Texto originalmente publicado em: LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004 p. 163).







Nathallya Faria - Oficineira da 31^a MAJ

por Nathallya Faria

Experenciar o espaço educativo da MAJ foi uma grande imersão. Ao adentrar o espaço, senti que o público se abria para acessar a si mesmo e a exposição a partir dos seus olhares únicos e particulares. Durante as visitas, o momento da oficina era sobre como cada pessoa poderia expressar suas inquietações provocadas a partir das trocas com as obras.

Foi a partir da instigação com as obras "Viver é hmm-ma delícia! Ifood" de Nat Rocha; "Com as próprias mãos", de Janaína Vieira; "de mão em mão" de Amauri; e "Lista de conexões (redux)" de Murillo Marques, que pensamos na oficina "Lugares que (me) Faço Morada", em que o público agendado foi convidado a produzir suas próprias moradas, utilizando materiais como papelão, jornal, retalhos de tecidos, folhas coloridas, cola para expressarem de forma simbólica aqueles lugares que promovem identificação, conforto e memórias afetivas .

Pensando sobre o conjunto das obras, expostas na MAJ, próximas umas das outras, as moradas são elementos visuais carregados de significados e pertencimento. Ao convidar o público a resgatar em sua memória ou em sua vivência atual a sua própria morada, estimulamos uma reflexão sobre identidade, valores pessoais e coletivos, afetos, direito a moradia e formas de pertencer a um espaço ou local. A proposta anora-se na valorização do afeto enquanto precursor dos nossos caminhos e da voz individual em diálogo com o coletivo, permitindo que cada participante materialize visualmente aquilo que deseja afirmar, reivindicar ou celebrar.

A partir dessa e das demais oficinas realizadas no período expositivo, o público pôde não só observar as obras, mas relacionar-se com elas, ocupando a MAJ de forma ativa e potente.



Jaqueline Figueiredo - Oficineira da 31^a MAJ

por Jaqueline Figueiredo

Realizar as oficinas na 31^a MAJ foi uma grande, maravilhosa e desafiadora experiência! A união de 46 artistas possibilitou uma diversidade de obras que moveu ideias, reflexões e olhares pela exposição. Todo esse movimento com a equipe educativa e o público visitante contribuiu para as ações nas práticas dentro de cada oficina oferecida durante os meses de exposição.

A MAJ reuniu duas oficineiras com experiências e trajetórias diferentes, que já exerciam o papel de educadoras em contextos diversificados e tiveram a exposição como um espaço comum. A oportunidade de construir as práticas em conjunto ampliou as possibilidades no processo de criação, que levou em consideração os diferentes diálogos, as visões e características de cada obra. Assim, foram planejadas, desenvolvidas e executadas cinco oficinas: "Obra é uma Conexão?"; "A Bandeira Parte de Mim"; "Por Onde For Quero o seu Olhar"; "Lugares que (me) Faço Morada" e "Coreografias do Olhar".

O espaço expositivo foi um elemento importante para a organização das oficineiras, acomodação do público e exposição do que o coletivo realizou nas oficinas e, para além desse espaço, a prática também ocupou outros ambientes do Sesc, como o quintal, a parede educativa, o espaço de convivência, entre outros lugares da unidade. Ao reunir todas essas potencialidades, com as diversas intencionalidades que a exposição proporcionou, as oficinas formaram mais um caminho e uma para os visitantes se conectarem e expressarem a sua pluralidade na MAJ.



Maisa Fabrega - Educadora da 31^a MAJ

"Acho que a função de ser educador vai mais do aprender do que do ensinar. Acho que a gente entrando em contato com várias pessoas todos os dias e com as obras da exposição também, com todas essas ideias, acho que a gente aprende novos conceitos, aprende novas formas de aprender, mais do que a nossa função, que é passar conhecimento, que é passar as ideias das obras, acho que a gente mais está aqui para ser alimentado e para aprender."

Maísa Fabrega



Lorraine Pereira - Educadora da 31^a MAJ



"A importância do papel do educador, eu acho que é ser um agente transformador. É a minha primeira experiência trabalhando no corpo educativo, como educadora, numa exposição de arte, e tem sido uma experiência transformadora, para mim. Eu aprendi mais em seis meses do que eu aprendi em anos da minha vida. Então, eu acredito que tive um crescimento pessoal muito grande, mas a gente também aprende a ser mais do que isso, porque a gente vai lidar com pessoas de diversas faixas etárias. E eu acho que o educador cumpre esse papel transformador na vida de quem a gente recebe, de quem a gente atende. E a gente acaba cumprindo esse papel. A gente recebe pessoas, crianças aqui, que nunca tiveram contato com exposição de arte, que nunca visitaram uma, não sabem como se colocar, acham que não é o lugar para elas. E aqui elas vêm, conversam com a gente, a gente percebe que elas se sentem mais acolhidas. E eu acredito que o papel do educador acaba sendo isso, no meio de tudo isso que é uma exposição e um corpo educativo."

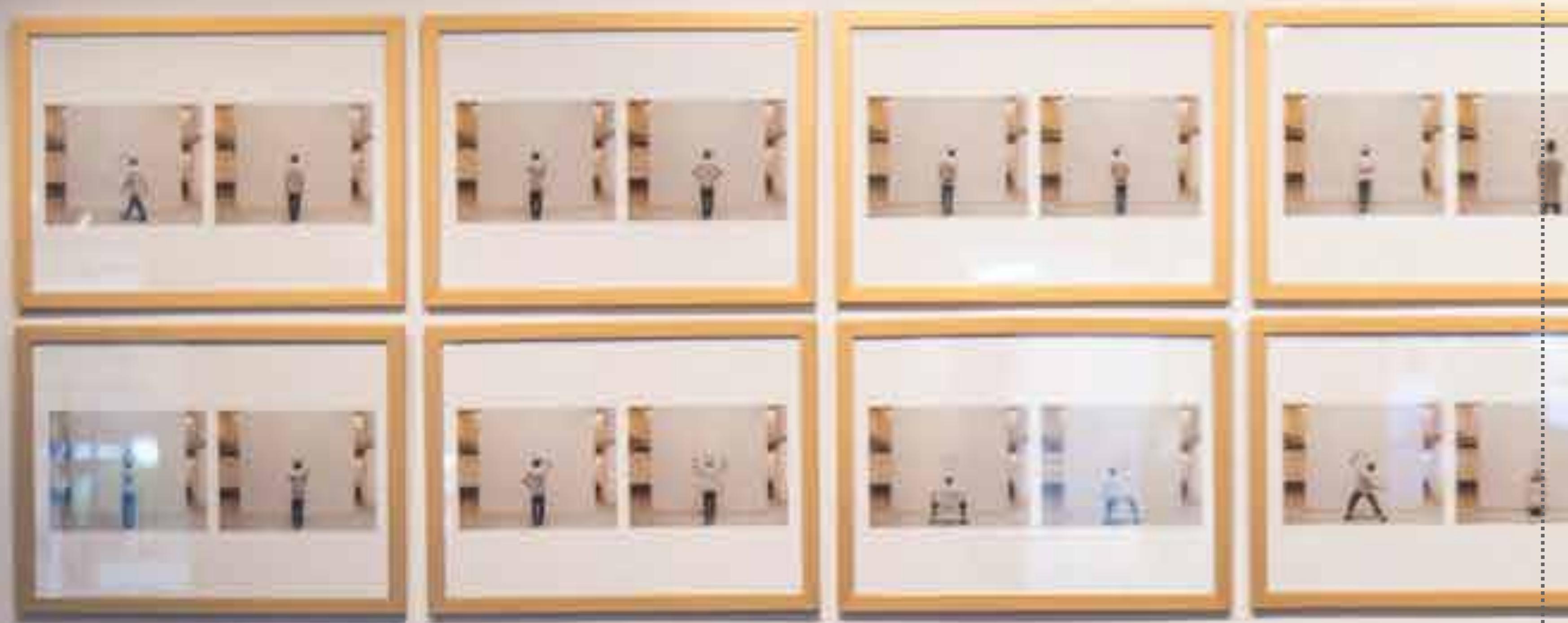
Lorraine Pereira





"Para mim, o papel do educador é muito mais do que ensinar, porque a gente tem muita escuta, muito afeto. É sempre muito legal conhecer as pessoas, escutar o que elas pensam, principalmente as crianças. Eu trabalho no período da tarde, então, recebo mais crianças do ensino fundamental. É muito legal poder ouvi-las e, juntos, nós vamos construindo um sentido de tudo o que tem na nossa exposição. Os temas que são muito extensos, como território, identidade, afeto. Então, é muito legal trabalhar isso com o público."

Marihá Souto



Mariá Souto - Educadora da 31ª MAJ







- A falta de Orientação e Mobilidade é reconhecida como uma limitação e pode comprometer e intensificar a falta do convívio social das pessoas com deficiência visual.
- Restaurar a locomoção independente é um dos fatores mais importantes para o processo de educação e reabilitação da pessoa com deficiência visual.
- Orientação e Mobilidade tem um significado muito específico relacionado as pessoas com deficiência visual.



Marcio Evangelista - Associação dos Deficientes
Visuais de Ribeirão Preto e região. (ADEVIRP)







